

**SOCIOLINGÜÍSTICA E DIATOPIA:  
EMPRÉSTIMOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

**SUZANA ALICE MARCELINO CARDOSO**  
Universidade Federal da Bahia

A língua registra e acumula as aquisições culturais; pereniza fatos e dados que o tempo e as mudanças estruturais impõem à vida da sociedade; coloca, numa espécie de arquivo morto do conhecimento, os usos lingüísticos que se tornam desativados no saber dos povos. Ao incorporar os saberes através de gerações, a língua assegura a continuidade do conhecimento e, de forma recorrente, avança e recua no tempo. Espelha a vida do povo, vida que se traduz e se explicita através da própria língua. É veículo das manifestações culturais, retrata as influências pelas quais passam os grupos humanos, traduz as ansiedades que assinalam as diferentes épocas, evidencia as tendências que marcam cada momento. Assim, fornece, sempre e em qualquer época, elementos para uma leitura da sociedade. E desse aspecto pretendemos tratar.

A influência que culturas alienígenas podem exercer sobre outra fica marcada, de forma significativa, na própria língua. A presença da ação cultural francesa no mundo luso-brasileiro, acentuada, pelo menos, até bem pouco tempo, transparece de maneira evidente em termos que ainda hoje, apesar de desativados nos falares urbanos, intergram o léxico de áreas rurais. Nesse artigo, discutimos a presença de empréstimos franceses documentados nos falares rurais da Bahia e de Sergipe e na área urbana de Salvador.

Paradoxalmente, as áreas rurais constituem-se, de um lado, em focos de conservação e, de outro, em campo propício à inovação lingüística. Mais distanciadas da força coercitiva da escola, de certo modo livres da pressão cotidiana dos meios de comunicação<sup>1</sup>, conseguem reter formas, usos, realizações fônicas que no processo de mudança lingüística se vêem substituídos por outros. Como ilustração, observa-se que na Bahia e em Sergipe conserva-se, ainda hoje, nas áreas rurais e em franca vitalidade, a forma **sarolha**, arcaísmo documentado no *Livro de Montaria* de Dom

João I<sup>2</sup>, já não mais no uso geral da língua e ausente dos dicionários brasileiros e portugueses. Tão presente e de maneira produtiva que do uso para terra - **terra sarolha** - chegou-se a outras áreas, tendo-se **beiju sarolho** e **farofa sarolha**, o que demonstra a vitalidade da forma<sup>3</sup>. Registra-se, também em Sergipe, a presença da africada alveolar surda, característica do português arcaico, hoje ausente da língua comum daqui e de além mar, em formas tais como **pi [ts]arra**, **[ts]apato**, **[ts]uruco**<sup>4</sup>.

Livres da mesma ação disciplinadora do estudo sistemático, permitem-se os falares rurais inovar de forma descomprometida, mas fiel apenas e unicamente ao sistema da própria língua. Assim, na linha da criação metafórica, mas com uso generalizado, chamam **osso-da-fome** à 'clavícula', **barredeira** à 'prostituta', **pataqueiro** ao 'trabalhador diarista', e, procedendo a mudanças na estrutura fônica das palavras, recompõem-nas para chamar de **zelação** (por 'exalação') à 'estrela cadente', **treisantonte** a 'trás-ante-ontem', **bateucabo** a 'patiocabo' (certo tipo de marimbondo), **putastulta** à 'prostituta', para ficarmos apenas em exemplos ilustrativos.

Depositários da conservação mas agenciadores da inovação, os falares rurais representam, na incorporação de fatos da cultura, uma fonte a explorar-se. Nessa linha é que nos ocupamos, no presente artigo, de um aspecto do léxico do português do Brasil, documentado pelo menos por dois dos atlas lingüísticos já publicados, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*<sup>5</sup> e o *Atlas Lingüísticos de Sergipe*<sup>6</sup>, a partir dos quais fazemos as nossas considerações com vistas a estabelecer um confronto entre o rural e o urbano, na perspectiva dos empréstimos lingüísticos, mais especificamente dos empréstimos franceses documentados nas áreas rurais e de sua presença/ausência nas áreas urbanas.

O **corpus** rural foi extraído das cartas 65 e 69 do **APFB** e das cartas 66, 70 e 81 do **ALS**. O **corpus** urbano constituiu-se a partir de dois tipos de dados: de um lado estão informações recolhidas a informantes com as especificações que se indicam no Quadro 1; de outro, estão as que constam do **corpus** do Projeto NURC/SSA, área semântica "Vestuário". Os dados especificamente coletados resultaram da aplicação de inquérito lingüístico formalizado em duas modalidades de interrogação: a) teste de identificação no qual se averiguou o reconhecimento de rol de formas, todas elas empréstimos do francês, existentes na área rural; b) aplicação de um pequeno questionário de três perguntas referentes aos mesmos conceitos que as denominações testadas recobriam. Os dados extraídos do **corpus** do Projeto NURC/SSA contêm as informações documentadas em 09 inquéritos do tipo "Diálogo entre Informante e Documentador" (DID), área semântica "Vestuário", envolvendo informantes cujas características se especificam no Quadro 2.

QUADRO 1 - Informantes urbanos documentados em 1990

I N F O R M A N T E S		E S C O L A R I D A D E		
		A	B	C
Masculino	I	2	2	2
	II	2	2	2
	III	2	2	2
Feminino	I	2	2	2
	II	2	2	2
	III	4	2	2

LEGENDAS

a) Escolaridade: A - curso primário ou não escolarizado  
 B - curso de 2º grau, completo ou incompleto  
 C - curso universitário completo

b) Faixa etária: I - de 25 a 35 anos  
 II - de 36 a 55 anos  
 III - mais de 55 anos.

QUADRO 2 - Informantes do Projeto NURC/SSA

INQUÉRITO	DADOS SOBRE O INFORMANTE			
	número	sexo	idade	profissão
066	70	M	32 anos	Dentista
072	78	F	39 anos	Ceramista
079	87	M	74 anos	Prof. Universitário (Música)
085	96	M	47 anos	Engenheiro civil
184	239	M	44 anos	Juiz de Direito
264	340	M	32 anos	Médico
278	355	F	26 anos	Economista
291	368	M	75 anos	Médico
325	410	F	47 anos	Pesquisadora (História)

Entre os dados rurais, tomados como ponto de partida, extraídos do APFB e do ALS, o primeiro de 1963 e o segundo, ainda que só publicado em 1987, de 1973, entre esses e os dados urbanos, que utilizamos, permeiam já quase trinta anos. Num sentido estrito de confronto e inter-comparação talvez a distância no tempo desaconselhasse a empreitada. Na perspectiva da continuidade da língua e da diversidade etária e estrática dos falantes urbanos documentados, parece-nos perfeitamente legítimo tomá-los, com as devidas ponderações, como elementos intercomparáveis. Com tal entendimento, buscamos estabelecer um confronto entre o rural e o urbano no que diz respeito ao rol de formas documentadas na Bahia e em Sergipe, discutindo os mecanismos que na zona urbana - tomada para tal a cidade de Salvador, capital da Bahia - se apresentam para nomear os conceitos que na área rural recobrem.

A consulta às cartas lingüísticas, nos citados atlas, permite-nos detectar palavras de etimologia francesa, adaptadas ou reinterpretadas foneticamente, que pertencem ao repertório lingüístico daqueles falantes. Dessas ocupar-nos-emos dos nomes usados para *óculos* para designar um tipo de agasalho de inverno que envolve o pescoço e da designação para *pessoa desajeitada, do corpo mal feito*. Os primeiros, identificados e dicionarizados, refletem adaptações fônicas que não chegam a distanciar, de maneira considerável, as realizações brasileiras daquelas típicas do francês. O último traz à tona uma designação com alta probabilidade de tratar-se de caso de reinterpretação de uma realidade fônica, difícil de deixar-se identificar na sua origem e, talvez por isso, ainda não registrada nos dicionários brasileiros e portugueses.

O exame das respostas, na Bahia e em Sergipe, para *óculos e agasalho que as mulheres usam no pescoço* permite identificar as seguintes ocorrências, todas elas registradas como empréstimos do francês: **pincenê** e **luneta** (para óculos) e **baeta**, boá, cachecol, cachecu, **cachenê** e **fichu** (para agasalho de inverno). Das respostas anotadas em Sergipe para *pessoa de corpo mal feito, desajeitada* consta **alangé** (alanjé?) cuja etimologia nos propomos discutir.

As formas que originaram a carta ÓCULOS resultaram de indagação orientada pela pergunta "O que se usa quando se enxerga pouco" e no ALS, cuja formulação de perguntas foi adrede organizada e de maneira uniforme aplicada, surgiram como resposta à indagação específica "Quem não enxerga direito usa . . .?" ou resultaram da identificação, pelo informante, do próprio objeto que lhe era apresentado. Como resultado temos o seguinte quadro de ocorrências:



Ocorrências	pincenê		óculos		luneta		binóculo	
	APFB	ALS	APFB	ALS	APFB	ALS	APFB	ALS
Distribuição								
Por informante	12	9	73	27	63	2	-	1
Por localidade	10	8	46	15	44	2	-	1

Desprezaremos o exame de **óculos** e **binóculo** para tratarmos exclusivamente de **pincenê** e **luneta**.

**Pincenê**, na Bahia, ocorreu como primeira resposta a três informantes (pontos 5-G/L e I/R e 38-A); como segunda resposta a oito informantes (pontos 3-A e B, 6-B, 7-A, 13-B, 15-B, 30-B e 32-B); e como terceira resposta ao informante B no ponto 1. Em Sergipe, registrou-se como primeira resposta a dois informantes (pontos 62-A e 63-A), como segunda resposta a seis informantes (pontos 51-A, 55-A, 56-A e B, 59-B e 60-A) e como terceira resposta a um único informante (ponto 57-A).

Na Bahia não houve comentários à forma pelos informantes. Em Sergipe, o registro de explicações dadas por alguns informantes permite observar-se que:

a) O uso de **pincenê** tem, pelo menos para dois dos informantes, um caráter arcaizante: para o informante 55-A, que a emite quando indagado se "O povo antigo chamava de outro jeito?", e para o informante 60-A, que responde à pergunta "Como o povo antigo chamava?", em ambos, conseqüentemente, como segunda resposta emitida.

b) O informante 59-B estabelece diferença entre o seu uso e o dos demais ao responder: "Óculos, não é, outros chama pincenê; eu chamo óculos, não é, óculos, outros chama pincenê". A reiteração de que "chamo óculos" e não "pincenê" afigura-se como a maneira de explicitar a sua preferência por uma das formas e caracterizar o desprestígio de que, no seu julgamento, pelo menos, se reveste a outra. A ausência de notas específicas sobre as ocorrências na Bahia e a presença de apenas duas observações em Sergipe, que lhe atribuem um caráter mais arcaizante, permitem inferir que o uso de **pincenê**, a partir do que se documenta nas cartas, concorre com o uso de **óculos** nas áreas urbanas e em outras áreas rurais.

**Luneta**, na Bahia, ocorreu como primeira resposta a 28 informantes (pontos 2-A, 5-G/L, 8-B, 10-A e B, 18-A e B, 19-A, 20-A e B, 21-A e B, 22-A e B, 23-A e B, 27-A, 29-A e B, 34-B, 36-A e B, 40-B, 42-A e B, 46-A, 49-A, 50-A); como segunda resposta a 34 informantes (pontos 1-A e B, 2-B, 4-A, 7-B, 8-A, 9-A e B, 11-A e B, 12-A, 14-A e B, 16-A e B, 17-A, 19-B, 25-B, 26-B, 27-B, 28-A e B, 31-A, 32-B, 33-A, 35-B, 41-A, 43-A e B, 44-A, 45-A, 47-A, 48-A, 50-B) e como terceira resposta a um único informante (ponto 7-A). Em Sergipe registrou-se como primeira resposta no ponto 52-B e

como segunda resposta no ponto 57-A, sempre sem comentários à forma. Na Bahia foram registradas explicações que atribuem à forma certo traço arcaizante, como se depreende da manifestação dos informantes:

- . “os mais velhos chamavam assim” (Inf. 14-B)
- . “não tem aro, usava muito, mas só podia usar quem tinha nariz afilado, senão não segurava” (Inf. 27-B).

Os informantes 8-A e 17-A fizeram comentários, o primeiro para explicitar que antes chamava **luneta** mas agora que ficou “sabida” só chama óculos, e o segundo para acrescentar que “era assim que chamavam antigamente”.

As ocorrências registradas de **pincenê** têm majoritariamente a realização [pisi,ne], documentando-se ainda casos com a nasalização da vogal da primeira sílaba [pĩsi,ne] ou da vogal da segunda sílaba [pisi,ne]. A sílaba final ocorre preponderantemente como [ne], mas registram-se casos de [neiʃ], [neis], [neiz] e [neiɾ]. Afastando-se do mais geral, estão as realizações [pĩsɔ,neti] e [pisi,neti]. Para **luneta** a realização de maior incidência foi [lõ,neta]<sup>Δ</sup>, tendo-se verificado a presença, em menor escala, das variantes [lu,neta] e [nõ,neta].

Os dicionários do português registram para **pincenê**

“Óculos sem haste que uma mola prende no nariz” (BUARQUE DE HOLANDA<sup>7</sup>);

“Pelo fr. *pince-nez*, mesmo sentido” (MORAIS SILVA<sup>8</sup>), isto é, atribuem-lhe o sentido de um tipo especial de óculos, aquele sem haste e preso no nariz.

A consulta a CÂNDIDO DE FIGUEIREDO<sup>9</sup>, DOMINGOS VIEIRA<sup>10</sup> E VITERBO<sup>11</sup> revela que a forma não se encontra registrada por esses lexicólogos, bem como não a registraram NASCENTES<sup>12</sup> e MACHADO<sup>13</sup>. O *Petit ROBERT*<sup>14</sup> a descreve como:

*Lorgnon qu'un ressort pince sur le nez..*

Trata-se, no uso comum e como se depreende dos registros examinados, de um tipo especial de óculos sem haste e preso ao nariz por uma mola, e não de nome genérico para identificar o objeto, no que coincidem as referências citadas a partir de dicionários do português e do francês.

Para **luneta** os dicionários atuais registram:

“Telescópio refrator de pequena abertura” e também “óculo” (HOLANDA<sup>15</sup>).

“Par de vidros ou lentes, encaixilhados numa armação de metal, tartaruga, matéria plástica, etc., disposta de modo que cavalgue no nariz, ficando os vidros diante dos olhos para auxiliar a vista” (MORAIS SILVA<sup>16</sup>).

“Utensílio, composto de um ou dois vidros ou lentes, e destinado geralmente a auxiliar a vista” (FIGUEIREDO<sup>17</sup>).

“Vidro, lente com arco para auxiliar a vista” (DOMINGOS VIEIRA<sup>18</sup>).

O *Petit ROBERT*<sup>19</sup> descreve *lunette* como, “paire de verres enchâssés dans une monture, posée devant les yeux et tenant par des branches (diff. de lorgnon), servant à corriger ou à protéger la vue”, coincidindo, portanto, com a acepção que se registra para os usos no português.

**Pincenê**, em áreas rurais de Bahia e Sergipe, ocorre para **óculos**, no seu uso genérico, não parecendo, em nenhuma das ocorrências, tratar-se do tipo especial a que se dá o nome na língua culta e no francês. Nota-se, no entanto, e pelo fato de apenas a cinco dos vinte e um informantes, que a emitiram, ter ocorrido como primeira resposta, que o seu uso não é o mais genérico e reflete, pelo menos para dois dos informantes, um certo tom arcaico.

**Luneta**, na Bahia, apresenta maior vitalidade do que em Sergipe, registrando-se como primeira resposta a 28 informantes e como segunda resposta a 34 informantes. Das duas ocorrências documentadas em Sergipe, uma constitui-se em primeira resposta do inf.57-A e outra em única resposta no inf.52-B.

As formas registradas nas cartas TIPO DE AGASALHO DE INVERNO (*APFB* 69) e AGASALHO PARA PESCOÇO (*ALS* 70) têm as respostas resultantes da indagação sobre agasalho que as mulheres usam no pescoço e para o *ALS* essa formulação, idêntica em todas as localidades, foi assim feita: “Uma coisa que umas mulheres usam no pescoço, quando faz frio, feito uns rolos, de pele?”.

Como resultado temos o seguinte quadro de ocorrências

Ocorrências	<b>baeta</b>		<b>boá</b>		<b>cachecol</b>		<b>cachecu</b>		<b>cachênê</b>		<b>fichu</b>	
	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>
Por informante	1	-	3	-	22	1	3	2	7	-	10	2
Por localidade	1	-	3	-	20	1	3	2	7	-	8	2

Na Bahia, como se depreende do quadro apresentado, houve uma maior variedade de formas para identificação do tipo de agasalho de inverno que se usa à volta do pescoço. Dos seis tipos que se registram no *APFB*, três deles, apenas, se documentam no *ALS*. As notas que os descre-

vem deixam, porém, explícito que servem para aquecer, caracterizam-se por cobrir os ombros e, para alguns, assemelham-se ao xale e têm uso reservado às mulheres e aos homens. Vejamos o que dizem as notas:

- Para **baeta**: “É do jeito de lã, xale”. (Inf. 18-B)
- Para **boá**: Quando perguntados na interrogação direta<sup>20</sup>, dois informantes a identificaram, dizendo:  
. “Uma coisa para defender o frio”. (Inf. 38-A)  
. “O mesmo que cachênê”. (Inf. 42)
- Para **cachecol**: “Lã, pele”. (Inf. 28-B)  
“Para mulher”. (Inf. 50-A)  
“De lã ou de pele”. (Inf. 61-B)
- Para **cachecu**: “De lã”. (Inf. 62-A)
- Para **cachênê**: “Quentinho que passa no cangote”. (Inf. 37-A)  
“Para homem”. (Inf. 50-A)
- Para **fichu**: “Xale de lã”. (Inf. 3-A)  
“Espécie de xale pequeno de lã, não se usa mais”. (Inf. 6-A)  
A)  
“É de lã”. (Inf. 20-A)  
“O fichu é uma meia, uns pedaços de meia ... de croché”. (Inf. 62-B)  
“É de lã mesmo, no jeito de um xale, comprido, passa no pescoço mode [= por causa de] o frio”. (Inf. 65-A)

**Cachecol** e **fichu**, representadas com índices mais elevados e presentes em toda a área, mostram a vitalidade que têm em relação às demais, nada obstante ocorrerem em Sergipe apenas em, respectivamente, um e dois dos quinze pontos inquiridos.

**Boá** registrou-se como [bu,a] e [bo,a], a primeira delas seguida de **de couro**. **Baeta**, na sua única ocorrência, realizou-se [ba,eta]. **Cachecol**, documentado em toda a área, ocorreu majoritariamente como [kaʃi,kɔ], anotando-se, ainda, as variantes [kaʃi,ko] (2 vezes), [kaʃ,po] (1 vez), [kaʃi,ko<sup>U</sup>] (2 vezes) e [kaʃi,kɔr] (1 vez).

**Cachênê** ocorreu sempre como [kaʃi,nɛ] e **fichu** apresentou nos registros uma única realização, [fi,ʃu].

Das formas anotadas, destacamos [kaʃi,ku] e [kaʃipu] pela afinidade que apresentam com a também variante do francês *cache-cou*, mencionada no *Grand ROBERT*<sup>21</sup>, s.v. **cache-col**, quando, ao descrever o



verbeta em causa, diz:

*Sorte d'écharpe qui entoure le cou.*

acrescentando, logo a seguir:

*On dit oussi cache-cou.*

Tal fato permite-nos interpretar [kaʃiku] e [kaʃipu] não apenas como simples variantes portuguesas de **cachecol**, mas como diretamente ligadas à também variante do francês *cache-cou*.

Os dicionários atuais do português dão para a forma as seguintes acepções:

- Para **baeta**: "Tecido felpudo de lã"<sup>22</sup>  
"Tecido de lã, grosseiro, felpudo. Tecido grosso de algodão"<sup>23</sup>
- Para **boá**: "Estola de plumas, estreita e comprida, usada pelas mulheres em volta do pescoço"<sup>24</sup>  
"Espécie de agasalho em forma de rolo, feito de penas, peles, etc. que as mulheres usam à roda do pescoço. Assemelha-se a uma cobra grossa; daí o nome" (s.v. **boa**, com [ o ] )<sup>25</sup>
- Para **cachecol**: "Manta longa e estreita para agasalhar o pescoço"<sup>26</sup>  
"Aportuguesamento do fr. *cache-col*; manta do pescoço"<sup>27</sup>
- Para **cachenê**: Manta comprida e estreita para agasalhar o rosto e o nariz"<sup>28</sup>  
"Aportuguesamento do fr. *cache-nez*. Lenço forte de agasalho para o queixo, boca e pescoço"<sup>29</sup>
- Para **fichu**: "Cobertura, ligeira, triangular, para a cabeça, pescoço e ombro das senhoras"<sup>30</sup>  
"Ligeira cobertura triangular, para o pescoço e ombros das senhoras"<sup>31</sup>

As formas em questão não vêm registradas em VITERBO<sup>32</sup>. **Cachecol** e **cachecu** não aparecem também em FIGUEIREDO<sup>33</sup> e VIEIRA<sup>34</sup>. As demais são registradas por esses lexicógrafos nas seguintes acepções:

- Baeta**: "Pano felpudo de lã; tecido grosso de lã"<sup>35</sup>  
"Pano de lã, a que com o uso ou com instrumentos se levanta o pelo"<sup>36</sup>

- Boá:** "Rolo de peles, penas, etc. com que as senhoras agasalham o pescoço"<sup>37</sup>  
 "Peça de peles estreita e comprida que as damas trazem de roda do pescoço, assim chamada pela semelhança com uma serpente"<sup>38</sup>
- Cachenê:** "Manta, ou lenço, com que se agasalha o pescoço"<sup>39</sup>  
 "Termo introduzido modernamente do francês e muito usado para designar uma manta ou lenço em que se envolve o pescoço e a parte do rosto. O povo pronuncia **cachiné**" (s.v. *cahe-nez*)<sup>40</sup>
- Fichu:** "Ligeira cobertura triangular, para pescoço e ombro das senhoras"<sup>41</sup>  
 "Lenço com que as mulheres cobrem a cabeça, os ombros e partes anexas, quando trazem vestidos decotados"<sup>42</sup>

As formas que se documentam na Bahia e em Sergipe para "tipo de agasalho para o pescoço", vêm todas elas registradas nos *Petit ROBERT*<sup>43</sup>, nas seguintes acepções:

- Baeta:** "1º Grand bavoir ou petite serviette de bébé. 2º Haut d'un tablier, d'une salopette, qui couvre la poitrine" (s.v. **bavette**)
- Boá:** "1º Gros serpent de l'Amérique du Sud (Culubriformes), non venimeux, carnassier, qui avant d'avalier sa proie l'étouffe dans les anneaux de sa queue préhensible. 2º Par anal. de forme. Tour de cou en fourrure ou en plumes" (s.v. **boa** [b a])
- Cachecol:** "Écharpe qui entoure le cou" (s.v. **cache-col**)
- Cachenê:** "Écharpe dont on s'entoure le cou, qui peut couvrir le bas du visage pour préserver du froid" (s.v. **cache-nez**)
- Fichu:** "Pièce d'étoffe dont les femmes se couvrent la tête, la gorge et les épaules" (s.v. **fichu**)

**Cachecu** que não vem registrada no *Petit ROBERT*<sup>44</sup>, no *Grand ROBERT*<sup>45</sup>, (s.v. **cache-col**) é indicada como variante, no francês, de *cache-col*.

NASCENTES<sup>46</sup> e MACHADO<sup>47</sup> nada registram sobre **cachecol**, não fazendo, também, o primeiro nenhuma referência a **fichu**. Das formas de que tratam, quanto a **boá** e **cachenê** atribuem, ambos, etimologia do francês, com as seguintes explicações:

- Para **boá:** "Do fr. *boa*; pela semelhança com o animal", comentando que "A acentuação trai a origem". (s.v. **boá**)<sup>48</sup>  
 "Boá é o vocábulo **boa** exportado para o fr., donde depois o recebemos, com a prosódia do intermediário"<sup>49</sup>

Para **cachênê**: "Do fr. *cache-nez*, literalmente **esconde nariz**"<sup>50</sup>  
"Cachênê, diretamente do fr. *cache-nez*"<sup>51</sup>

Quanto a **baeta**, NASCENTES<sup>52</sup> atribui-lhe etimologia italiana, **baietta**, e dá-lhe o sentido de "fazenda escura". MACHADO<sup>53</sup> vê a forma como de origem francesa, explicando que "Ao mesmo vocábulo /isto é, o lat. **badiu**/ prende-se o port. **baeta**, do antigo picardo **bayette** do lat. **badius**, "baio"; primitivamente este pano era de cor de castanha".

Excetuando-se a divergência NASCENTES/MACHADO no que concerne à origem de **baeta**, vê-se, nesse conjunto de formas para designar um tipo específico de agasalho, a predominância ou, se nos pautarmos por MACHADO<sup>54</sup>, a exclusividade, de formas de origem francesa. Convém assinalar que para todas elas reconhece HOLANDA<sup>55</sup> origem do francês.

Para designar *pessoa de corpo mal feito, desajeitada* ocorreu na Bahia, como de uso generalizado, **chamboqueiro**. Em Sergipe, ao lado dessa denominação, registraram-se outras das quais destacamos **alangé** (**alanjé?**), documentada como única resposta aos informantes A dos pontos 57 e 58.

Os dicionários do português, quer os editados no Brasil, quer os editados em Portugal, não registram **alangé** (**alanjé?**). Os léxicos regionais, que apontam fatos específicos de áreas dialetais do Brasil, também não o fazem. Lexicógrafos de séculos anteriores por sua vez se ocuparam da designação. A forma, porém, existe. E existe com um significado claro, preciso, de pessoa desajeitada, mal apanhada, de corpo mal feito.

Qual a origem dessa palavra, de onde provém o seu sentido, eis a questão que tentaremos discutir, levantando hipótese para uma provável explicação etimológica.

Começemos por algumas considerações de natureza estrutural. A conformação fônica da palavra apresenta-se perfeitamente harmonizada com as possibilidades de organização silábica do português. Dois aspectos, no entanto, merecem destaque: de um lado, a presença do segmento inicial **a-**, que está em muitas outras ocorrências da língua, tais como 'alaranjado', 'amordaçado', 'agateado', 'alourado', 'aluado', 'amartelado' etc. comuns ao português padrão, ao lado de 'avoado' (para 'alvorçado'), 'alevantado', 'assentado', 'ajuntado' etc. que se documentam na fala popular ou rural; de outro, a sílaba final **-gé** (**-jé?**), pouco freqüente, para não dizer inusitada, na língua portuguesa, como terminação de adjetivo. A primeira das questões levantadas conduz a integrar a forma em causa no rol amplo das possibilidades que o sistema português oferece. A segunda consideração, porém, desperta para outro tipo de reflexão, o porquê dessa terminação, ainda mais pertinente se, por exemplo, levarmos em conta que os di-

cionários de rima, no rol de palavras com possibilidades de atender a essa terminação, apresentam nada mais do que cinco formas<sup>56</sup> ou, no máximo, nove<sup>57</sup> que preenchem o requisito.

Põe-se, então, a pergunta: a ausência de documentação da forma na língua padrão e o inusitado de sua terminação não podem ser tomados como denúncia suficiente de que se trata de termo incorporado por empréstimo ao uso dos falantes? Tendendo-se a responder sim a essa indagação, impõe-se uma outra: empréstimo assimilado de que língua? E nesse sentido passamos a levantar a nossa hipótese de etimologia.

O francês possui a expressão “à la légère” identificada no *Grand ROBERT*<sup>58</sup> como “sem refletir” (“Sans réfléchir”), “irrefletidamente” (“Inconsidérément”), “levianamente, levemente” (“Légèrement”), ocorrente em frases usuais tais como: “Être habillé à la légère” (“vestir-se levemente”), “Être armé à la légère” (“armar-se levemente”), “Parler à la légère” (“falar levianamente”), “Prendre les choses à la légère” (“tomar as coisas pelo alto”). A documentação mais antiga no francês para a expressão data de 1544, tratando-se, portanto, de uso já corrente pelo menos desde o séc. XVI.

Postas essas considerações, inclinamo-nos a considerar **alanjé** (**alanjé?**) como uma reinterpretação fonética de **à la légère**, constituindo-se em mais um caso de empréstimo do francês. Para consolidar-se essa afirmação, faz-se, porém, necessário acrescentar o exame de nasalidade presente no português, traço ausente da expressão francesa. Tal fato, no entanto, não se põe como obstáculo à interpretação etimológica dada, pelo menos é o que pensamos. Casos outros de nasalização ocorrem nessa variedade dialetal, como, por exemplo; **cincatriz** (por cicatriz), **cinsura** (por cesura), **gêada** (por geada), **anriscado** (por arriscado)<sup>59</sup> etc. todos eles em formas cujas expectativa da língua comum não a previa. Não seria, pois, não será, desavisado reconhecer-se em **alangé** (**alanjé?**) mais um desses casos de nasalização. E assim o fazemos para reafirmar a nossa hipótese.

O exame das cartas em questão, cujos resultados se apresentam conjuntamente no MAPA 2, permite algumas considerações.

No que se refere à designação **pincenê**, delineia-se muito nitidamente uma área no território baiano, definida geograficamente como a parte Nordeste, onde se concentram os pontos nos quais se registra a ocorrência da forma. Trata-se da parte do Estado que confina com Sergipe onde ocorre **pincenê**, de Norte a Sul, numa proporção de oito para quinze dos pontos inquiridos. (V. Mapa Bahia-Sergipe).

**Cachecol** distribui-se pela metade Leste da Bahia, de Norte a Sul, e em Sergipe registra-se em apenas uma localidade, no extremo Norte, próxima à foz do Rio São Francisco. **Fichu** tem a sua distribuição en-



volvendo a parte Nordeste da Bahia, com uma única ocorrência na parte Centro-Oeste, e em Sergipe documenta-se apenas em dois pontos, localidades às margens do Rio São Francisco.

**Alanjé (alanjé?)** não ocorreu na Bahia e, em Sergipe, foi documentada em dois únicos pontos, situados na parte mais central do Estado.

A datação, no português, que se obteve, pelo menos para duas das formas que constituem esse conjunto, **boá** e **fichu**, situa-as no século XIX, como menciona MACHADO<sup>60</sup>.

O exame das cartas **ÓCULOS, TIPOS DE AGASALHO DE INVERNO, AGASALHO PARA O PESCOÇO** e **PESSOA DE CORPO MAL FEITO, DESAJEITADA** permite verificar-se, em áreas rurais da Bahia e de Sergipe, a presença altamente significativa de formas que se constituem em empréstimos do francês.

Em área urbana obteve-se resultado diferenciado. Os dados sobre os quais trabalhamos foram constituídos a partir da aplicação de dois tipos de questionário, a trinta e oito informantes, e colhidos no **corpus** do Projeto NURC/SSA a nove informantes com as características indicadas no Quadro 2. Optamos, no que se refere ao primeiro tipo de informação, por ampliar a faixa etária III, sexo feminino, introduzindo dois informantes a mais do que sistematicamente se previu para os demais casos. Com isso, temos para F-III-A quatro informantes que vão se distinguir por um quarto item diferenciador utilizado nesse caso: a situação social. Com isso, e tomando justamente a faixa mais avançada e na categoria mais afeita a dominar as questões constantes do interrogatório, procuramos compensar, em parte, a distância, no tempo, entre os dados rurais e os urbanos.

A aplicação e questionário específico na área urbana permite-nos resultados que, resumidamente, se expõem nos Quadros 4 e 5. O exame dos dados permite-nos as seguintes observações.

1. **Alangé** foi identificada por apenas 3 dos informantes, dos quais 2 a reconheceram como designativo de "pessoa atrapalhada" e "desarrumada", portanto numa acepção próxima à da área rural, e como "pessoa de seita", isto é, ligada ao candomblé.

2. **Baeta**, embora não tivesse sido reconhecida como tipo de agasalho para o pescoço, foi identificada pela maioria como um tipo de tecido grosso, servindo ao fabrico de chapéu ou de agasalho de frio. Outros sentidos lhe foram atribuídos como: "facão para cortar cana", "objeto relacionado a armamento" e "tira que se coloca em chapéu". As referências constantes a "grosso", "para frio", "com que se fabrica cobertor" induz-nos a pensar que o caso único de **baeta** registrado nos falares rurais

QUADRO 4 - Ocorrência das formas segundo a faixa etária e o sexo

F O R M A S	SEXO MASCULINO						SEXO FEMININO						
	MESMO SENTIDO			SENTIDO DIVERSO			MESMO SENTIDO			SENTIDO DIVERSO			
	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	
alargé			1				1						1
baeta			1	1	1	4						2	5
boá		1	1				1	2	2				
cachecol	3	1	5				3	3	8				
cacherenê			3					1	3				
fichu			1					1	6				
luneta		1		3	2	5				3	3	3	3
pincenê				1	1	5				1	2	3	7
TOTAIS	3	3	12	5	4	14	4	8	20	5	8	21	

QUADRO 5 - Ocorrência das formas segundo o grau de escolaridade

Grau de es- colaridade de FORMAS	A		B		C	
	MESMO SENTIDO	SENTIDO DIVERSO	MESMO SENTIDO	SENTIDO DIVERSO	MESMO SENTIDO	SENTIDO DIVERSO
alangé	1	1	1			
baeta		7		4		2
boá	1		3		3	
cachecol	6		9		8	
cachené	1		3		1	
fichu	5		3		2	
luneta	2	6		9		9
pinciné		6		6		8
<b>T O T A I S</b>	<b>16</b>	<b>20</b>	<b>19</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>19</b>

(Bahia, ponto 18) pode representar um caso de metonímia, quando o tecido passou a designar o próprio objeto, ou seja, o agasalho com ele fabricado.

3. **Boá**, nos sete casos de identificação, foi sempre reconhecido como agasalho para o pescoço, algumas vezes com a pormenorização de tratar-se de agasalho feito de “pele de raposa”.

4. **Cachecol** foi identificado como agasalho que envolve o pescoço, mas um informante, além de assim reconhecer a forma, disse aplicá-la também a “vaso para pôr flores ou planta” (Inf. 30) e outro explicou que “chamam também de manteau” (Inf. 11).

5. **Cachenê** reconhecido basicamente por informante da faixa etária III (seis dos sete casos) que lhe atribuem idêntico sentido.

6. **Fichu** encontra-se em situação similar a **cachenê**: dos oito informantes que a identificam, sete são de faixa etária III. A acepção foi a mesma da área rural, tendo, porém, dois informantes dito tratar-se também do tipo especial de xale que as mulheres usavam, antigamente, para ir à igreja.

7. **Luneta** em apenas dois casos, dos vinte e seis documentados, ocorreu para óculos em geral. Genericamente, foi identificado como telescópio ou certo tipo de lente ou espécie de binóculo, mas sempre para usos especiais.

8. **Pincenê** sistematicamente identificado como um tipo especial de óculos, que se caracteriza por não possuir hastes ou aro ou por ser pequeno. Os informantes 9 e 12 disseram usar a forma na expressão “ficar de pincenê” com o sentido de “espreitar” e o inf. 35 para “tirar linhas com alguém”, que equivale ao nosso atual “paquerar”. O inf. 31 reconheceu-a como “chapeuzinho com véu”.

A esses mesmos informantes foi-lhes aplicado um rol de perguntas sobre os conteúdos das formas a cuja identificação tinham sido submetidos. As perguntas foram:

1. Pessoa de corpo mal feito.
2. Tipos de agasalhos que se usam para envolver o pescoço protegendo-o do frio.
3. O que se usa para enxergar melhor quando não se tem vista boa.

As respostas a essas três questões revelam que para a primeira delas ocorreu uma variedade de designações, mas nunca **alangé**. Para a segunda as respostas predominantes foram **cachecol** e **chale**, embora tenha havido ocorrências de **mantilha** e **poncho** e a inf. 24 tenha acrescentado a essas duas **fichu**, **echarpe** e **boá**, ilustrando a última com desenho.



As respostas para “óculos” foram predominantemente **óculos**, salientando-se a do inf. 24 que incluiu ainda **pincenê** e **lorgnon**.

O outro tipo de dado urbano foi recolhido em segmento do *corpus* do Projeto NURC/SSA, constante de oito inquéritos do tipo “Diálogo entre informante e documentados (DID)”, versando todos eles sobre a área semântica “Vestuário” e aplicados a informantes com as especificações apresentadas no Quadro 2. Convém assinalar que o *corpus* do Projeto NURC/SSA se constituiu basicamente ao longo da década de 70 o que põe esses informantes, tomados para confronto, menos distanciados daqueles registrados no APFB e no ALS, e por isso numa posição intermediária em relação aos informantes urbanos anotados no correr de 1990.

Os resultados obtidos com o exame do segmento do *corpus* do Projeto NURC/SSA permitem as seguintes observações:

1. Dos oito itens lexicais documentados em áreas rurais de Bahia e Sergipe apenas quatro deles ocorreram nesses inquéritos: **baeta** (inf. 87), **cachecol** (infs. 78, 96, 239, 340 e 410), **cachenê** (inf. 78) e **pincenê** (infs. 78, 87, 96 e 340). **Baeta** ocorreu, espontaneamente, para traje feminino para banho de mar; **cachecol**, sempre como agasalho, e quando especificado, foi caracterizado como para proteger o pescoço; **cachenê**, na única ocorrência, foi descrito como “faixa de lá para cobrir as orelhas”; e, finalmente, **pincenê** como um tipo especial de óculos, identificado pela ausência de hastes, por sustentar-se apenas no nariz ou por prender-se ao paletó através de um cordão, às vezes de ouro.

2. As respostas para a pergunta “óculos” foram predominantemente **óculos**, dita por todos os informantes, seguida de **pincenê** (infs. 78, 87, 96 e 340) e **lorgnon** (infs. 87, 96, 340 e 410), ambos com quatro ocorrências, ao lado de outras respostas como **lentes de contato**, substitutivo moderno dos óculos antigos, mas sempre como segunda ou terceira respostas.

O confronto entre os dados permite-nos, por fim, algumas conclusões.

1. **Cachecol** é a única forma do rol em questão que pode ser categorizada como integrante do repertório ativo de falantes urbanos, pelo menos de Salvador, uma vez que ocorreu espontaneamente a cinco dos oito informantes do Projeto NURC/SSA, foi identificada por vinte e três dos trinta e oito informantes especificamente ouvidos para o trabalho e apresentado, como resposta imediata, quando da formulação indireta, por dezesseis desses informantes.

2. O reconhecimento do rol de formas se deu com maior representatividade entre os informantes de faixa etária III, doze do sexo mascu-

lino e vinte do sexo feminino, num total de trinta e dois, que, como se pode ver no Quadro 4, foram mais representativos na identificação dos itens **cachecol, fichu e cachênê**.

3. O grau de escolaridade não se apresentou como relevante para a identificação das formas. Os dados constantes do Quadro 5 mostram que se o reconhecimento, com idêntico sentido com que ocorrem nas zonas rurais de Bahia e Sergipe, se fez respectivamente por 16, 19 e 14 dos informantes urbanos de escolaridade A, B e C, a identificação com outros sentidos também se deu nas mesmas circunstâncias e proporções, ou seja, 20, 19 e 19 dos informantes distribuídos, respectivamente, por A, B e C.

Os empréstimos não se constituem em fatos meramente lingüísticos, refletem, também e por outro lado, influência cultural e/ou política e/ou econômica. A influência francesa fez-se sentir como reflexo da relação cultural, que se estabeleceu entre o mundo da lusofonia e o da francofonia. Profunda em Portugal, transplantada para o Brasil, assimilada em áreas rurais brasileiras, a influência francesa foi marcante, o que pode explicar a penetração pelo interior e a conservação, até o presente, de empréstimos com, em alguns casos, largo uso pelos falantes rurais. Intensa no Brasil até começos desse século, a influência cultural francesa entrou em declínio, dando lugar a que outras culturas ou outras interferências lingüístico-culturais tomassem o seu lugar. Dessas outras, porém, não **tomaram consciência** ainda os falares rurais ou, pelo menos, não se tinham sedimentado à época da coleta de dados para o *APFB*, 1961, e para o *ALS*, 1967. Esperemos para ver pois "cualquier modificación de la estructura social provoca, inevitablemente, modificaciones lingüísticas"<sup>61</sup> e as mudanças sociais são profundas e claramente perceptíveis.

Das considerações apresentadas pode-se, ao final, chegar-se a uma observação conclusiva de caráter mais geral: as áreas rurais mantêm-se, pelo menos vinham-se mantendo até a década de 60, mais tendentes à conservação dos empréstimos franceses em causa, enquanto a área urbana de Salvador já não mais tem essas formas altamente representadas no seu repertório ativo.

Fica-nos, no entanto, uma questão final a ser respondida: A influência francesa teria caminhado no sentido centros urbanos --> áreas rurais ou os padrões de organização da sociedade brasileira, nos séculos passados, com a fixação da burguesia nos centros rurais, poderá ser uma outra fonte de explicação?

## NOTAS

1. Hoje já não mais como outrora! A expansão das emissoras de rádio e TV tem permitido uma circulação mais imediata e simultânea das informações e conduzido a uma veiculação padronizada - pelo menos quanto à divulgação - das informações. Acresce a esse fato, o crescente deslocamento de massas populacionais rurais para os grandes centros urbanos o que traz, em consequência, um aumento do contato cidade-campo em decorrência dos laços de família.
2. A ocorrência em causa encontra-se à p. 150 da edição de Francisco Maria Esteves Ferreira. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.
3. Cf. sobre o assunto: CARDOSO, Suzana & ROLLEMBERG, Vera. "A vitalidade de **sarolha** nos falares baianos". *In: Universitas* n<sup>o</sup>s. 12/13, maio/dez. 1972, p.241-249.
4. Cf. sobre o assunto: ROSSI, Nelson. "Un arcaísmo fonético en Sergipe (Brasil). *In Actas* do III Congresso de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina. San Juan, Universidad de Puerto Rico, 1976. p.228-233.
5. ROSSI, N. et alii. Rio, INL-MEC, 1963. Identificado no texto como **APFB**
6. FERREIRA, C., MOTA, J., FRETIAS, J., ANDRADE, N., CARDOSO, S., ROLLEMBERG, V., ROSSI, N. Salvador, UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987. Identificado no texto como **ALS**.
7. HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
8. SILVA, Antônio de Moraes. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10 ed. Lisboa, Confluência, 1950.
9. FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa, Tavares Cardos & Irmão, 1899.
10. VIEIRA, Frei Domingos. **Grande dictionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza**. Porto, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871.
11. VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa. **Eludidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**. Lisboa, A.J. Fernandes Lopes, 1865.
12. NASCENTES, Antenor, **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1955.
13. MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa, Confluência, 1956-1959.

14. ROBERT, Paul. **Dictionnaire (Alphabétique et analogique de la langue française)**. Paris, SNL, 1976, (*Petit ROBERT*).
15. Op. cit., nota 7.
16. Op. cit., nota 8.
17. Op. cit., nota 9.
18. Op. cit., nota 10.
19. Op. cit., nota 14.
20. Esgotada a aplicação do Questionário, procedia-se à interrogação direta sobre formas que tinham sido documentadas nos inquéritos experimentais.
21. ROBERT, Paul. **Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris, SNL, 1973. (*Grand ROBERT*).
22. Cf. nota 7.
23. Cf. nota 8.
24. Cf. nota 7.
25. Cf. nota 8.
26. Cf. nota 7.
27. Cf. nota 8.
28. Cf. nota 7.
29. Cf. nota 8.
30. Cf. nota 7.
31. Cf. nota 8.
32. Op. cit.
33. Op. cit.
34. Op. cit.
35. Cf. nota 9.
36. Cf. nota 10.



37. Cf. nota 9.

38. Cf. nota 10.

39. Cf. nota 9.

40. Cf. nota 10.

41. Cf. nota 9.

42. Cf. nota 10.

43. Op. cit.

44. Op. cit.

45. Op. cit.

46. Op. cit.

47. Op. cit.

48. Cf. nota 12.

49. Cf. nota 13.

50. Cf. nota 12.

51. Cf. nota 13.

52. Op. cit.

53. Op. cit.

54. Op. cit.

55. Op. cit.

56. CASTELÕES, Visconde de. **Dicionário de rimas**. Porto, Editorial Domingos Barreira, s/d.

57. FERNANDES, J.A. **Dicionário de rimas da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Record, 1985.

58. Op. cit.

59. Confira, para as formas citadas, as cartas 11, 74 e 105 do ALS.

60. Op. cit.

61. IORDAN, I. **Lingüística románica**. Madrid, 1967. p.543.

